DOS MITOS AOS FATOS: revisitando as sequelas do racismo na sociedade brasileira.

Clerislânia de Albuquerque Sousa[1]

RESUMO

Este estudo busca fazer uma abordagem sobre um dos assuntos mais delicados e complexos da história do Brasil: o racismo. Debater esse assunto é urgente e principalmente necessário por inúmeros motivos, dentre os quais podemos elencar: o alto contingente de pretos e pardos que compõem grande parte da população, fato esse que causa espanto se considerarmos que o Brasil é um país racista, sendo sua população formada por negros ou até mesmo os fatores explícitos ou que ficam subtendidos que caracterizam as lacunas existentes em nossa sociedade. Um ponto a ser destacado é que o racismo não é uma prática da atualidade, mas sim, reproduções de um passado excludente, o qual tentou apagar de sua história sua principal mão-de-obra: o escravo. Partindo do exposto, busca-se, através deste estudo, apresentar o quanto o racismo impactou e continua impactando negativamente a sociedade como um todo.

Palavras-chave: Desigualdade; Racismo; Preconceito.

ABSTRACT

This study seeks to approach one of the most delicate and complex issues in Brazilian history: racism. Debating this issue is urgent and mainly necessary for numerous reasons, among which we can list: the high contingent of blacks and browns that make up a large part of the population, a fact that is surprising if we consider that Brazil is a racist country, with its population formed by blacks or even the explicit or implicit factors that characterize the existing gaps in our society. A point to be highlighted is that racism is not a current practice, but rather, reproductions of an excluding past, which tried to erase its main workforce from its history: the slave. Based on the above, this study seeks to present how racism has impacted and continues to negatively impact society as a whole.

Keywords: Inequality; Racism; Prejudice.

[1] Universidade Estadual do Ceará - UECE; Mestre em Planejamento e Políticas Públicas; clerislania@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O racismo é uma das maiores cicatrizes da história do Brasil e seus reflexos podem ser percebidos facilmente na atualidade, quer seja na forma sutil da estereotipização do negro, muitas vezes colocada de maneira ingênua e despretensiosa como uma piada[2], mas que no fundo vêm carregada de uma percepção que é corroborada por grande parte da população. A forma como o racismo vem sendo perpetuado ao longo dos tempos pode ser facilmente compreendida através do entendimento do termo Racismo Estrutural, nomenclatura que intitula a obra do advogado e filósofo Silvio Almeida, lançada em 2018, uma vez que o autor expõe que "comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção". Nessa conjuntura, infere-se como as práticas racistas são naturalizadas na sociedade e como ainda estamos carentes de uma maior conscientização da população sobre as desigualdades existentes entre brancos e negros.

É de suma importância destacar que o movimento negro veio ganhando notoriedade ao longo dos anos, buscando dar representatividade para os que sempre foram injustamente silenciados historicamente. Destaca-se, também, a luta do movimento feminista negro, tanto no Brasil quanto no mundo, dando o protagonismo e o empoderamento para as mulheres negras, sendo muitas dessas mulheres autoras de obras que trouxeram contribuições significativas das quais podemos destacar: Ângela Davis, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro e tantas outras que buscam dar voz e principalmente preencher um hiato que foi ceifado.

Para fins desse estudo, o mesmo é caracterizado por uma pesquisa qualitativa, visto que pretende-se apresentar os impactos do racismo no Brasil. No que diz respeito aos delineamentos, trabalhou-se com pesquisa bibliográfica, através de artigos e livros que contemplem a temática estudada, os quais darão uma maior fundamentação para a composição deste estudo. Ao término desta pesquisa, busca-se despertar no leitor uma reflexão crítica de como o racismo é um problema social

[2] Youtuber é acusado de racismo ao comentar arrancada de Mbappé e se desculpa. Disponível em: encurtador.com.br/arEHI

que deve ser combatido e que impacta negativamente a sociedade e todos que fazem parte dela.

2 BRASIL E CENÁRIOS FUTUROS

Considerando-se que o alicerce para o desenvolvimento econômico do Brasil foi a mão de obra escrava, tendo perdurado por mais de três séculos até a abolição, as expectativas para o futuro do Brasil não eram as mais otimistas, ficando para os intelectuais a responsabilidade em trazer soluções positivas para uma nação até então fadada ao fracasso. A ideia de nação atrasada atribuída ao Brasil foi originalmente atribuída no decorrer do século XIX, tendo como alicerce de sustentação as ideias europeias.

Evidenciando o contexto europeu, Henry Buckle, em seu livro, discorreu:

> [...] mesmo sem nunca ter posto os pés aqui, sobre aspectos hídricos, climáticos e topográficos, para concluir que no Brasil a vegetação era tão esplendorosa que acabava por produzir homens apáticos e mentalmente prejudicados, que não poderiam avançar sem ajuda europeia. (RAMOS, MAIO, 2005, p. 31).

Assim como Buckle, outros intelectuais também fizeram suas leituras acerca do Brasil, dentre os quais destaca-se Gobineau, que foi enfático ao afirmar que “a principal deficiência do país residia na natureza do seu povo, que considerava feio e inferior por força do seu alto grau de mestiçagem”. (RAMOS, MAIO, 2005, p. 32). Partindo de perspectivas pessimistas, restava para os intelectuais brasileiros um ponto de vista mais otimista para o futuro do Brasil, no entanto, muitos desses intelectuais deixavam claro que a miscigenação era um fato inevitável, sendo assim, acreditava-se na ideia de um branqueamento da população, dentre os quais destacamos a figura de Silvio Romero que entendia “a miscigenação como um processo físico e cultural orientado para a produção de um mestiço superior” (RAMOS, MAIO, 2005, p. 38).

Outro intelectual de bastante destaque nesse período foi Euclides da Cunha, uma vez que sabiamente soube usar o clima e a raça como elementos de compreensão do povo brasileiro, visto que a natureza poderia caracterizar o alicerce

para “forças de progresso e civilização.” Partindo dessa premissa, entendia-se a natureza “como alvo fundamental do trabalho das forças de civilização, e desse ponto de vista era possível estabelecer uma hierarquização evolucionista que ia dos povos que “dominavam” aos submetidos”. (RAMOS, MAIO, 2005, p. 43). Em sua obra Os Sertões, Euclides da Cunha visualizou o sertão não somente a partir da perspectiva do conflito até então inevitável, uma vez que estava ocorrendo a Guerra de Canudos, mas também trouxe para o leitor a compreensão de como os sertões eram articulados. Na perspectiva euclidiana, “a transformação da raça não se dava apenas pelo meio da miscigenação, mas também da relação com o meio ecológico e dos eventos históricos nos quais as populações estavam envolvidas” (RAMOS, MAIO, 2005, p. 45).

Por fim, dentre os vários intelectuais que abordaram os cenários futuros para o Brasil, dentre os quais podemos elencar Oliveira Vianna, Nina Rodrigues entre outos, um em especial fez uma abordagem polêmica: Gilberto Freyre, uma vez que insinua que no Brasil não houve racismo, consequentemente, sugerindo a ideia de democracia racial, conforme é apresentado no comentário a seguir:

> A ênfase na flexibilidade cultural do colonizador português e no avançado grau de mistura racial da população do país levou a formular a noção de democracia racial. A consequência implícita dessa ideia é a ausência de preconceito e discriminações raciais e, portanto, a existência de iguais oportunidades econômicas e sociais para negros e brancos. (HASENBALG, 1982, p. 84).

Considerando-se a ideia de oportunidades justas e iguais para todos, sugere-se que existe um equilíbrio em nosso país em inúmeras esferas entre brancos e negros, o que de fato é o oposto. Partindo disso, faz-se necessário termos consciência de como o nosso passado histórico está diretamente relacionado com o nosso presente e possivelmente com o nosso futuro.

3 DA INVISIBILIZAÇÃO, DO RACISMO E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

A questão da democracia racial no Brasil é um tema bastante controverso quando se estuda as relações raciais no Brasil, visto que desde o início do período da escravidão até o seu término, os então ex-escravizados sempre foram colocados em condições nas quais ficavam à deriva diante das classes dominantes, o que ocasionou

uma sociedade repleta de desigualdades sociais, as quais continuaram sendo reproduzidas ao longo dos séculos.

Moura (2019) discorre sobre o assunto, onde explana:

> [...] houve uma reformulação dos mitos raciais reflexos do escravismo no contexto da sociedade de capitalismo dependente que a sucedeu, reformulação que alimentou as classes dominantes do combustível ideológico capaz de justificar o peneiramento econômico-social, racial e cultural a que ele está submetido atualmente no Brasil através de uma série de mecanismos discriminadores que se sucedem na biografia de cada negro (MOURA, 2019, p.39).

Consoante exposto pelo autor, os reflexos de uma sociedade predominantemente escravocrata foram reproduzidos e multiplicados mesmo após a abolição, servindo como combustível ideológico para justificar as discrepâncias existentes entre brancos e negros, ou seja, a abolição, em tese, não trouxe mudanças significativas para os agora ex-escravizados, visto que não foram sequer instruídos para viverem na condição de “liberdade”, nessa perspectiva, continuando a mercê dos seus “antigos donos”.

Sobre a continuidade da dominação dos negros, Moura (2019) aponta:

> O aparelho ideológico de dominação da sociedade escravista gerou um pensamento racista que perdura até hoje. Como a estrutura da sociedade brasileira, na passagem do trabalho escravo para o livre, permaneceu basicamente a mesma, os mecanismos de dominação, inclusive ideológicos, foram mantidos e aperfeiçoados (MOURA, 2019, p.46).

O contexto da escravidão era tão enraizado no Brasil, que a vivência dos negros agora então na condição de livres era colocada em cheque, tal fato, comum naquele período, justificava-se pelo poder na escravidão, consoante exposto por (CHALHOUB, 2012, p. 233) onde “o risco de ser empurrado de volta à escravidão, ou de ser reduzido ilegalmente ao cativeiro, pautava o pensamento, a conduta e as estratégias de vida dos negros brasileiros naquele tempo.” Sendo esse um dentre os inúmeros problemas enfrentados pelos negros em seu contexto histórico. Outro ponto a ser mencionado, refere-se à invisibilidade no que diz respeito a saúde em si em uma sociedade que fora marcada pela força de trabalho escrava, conforme colocado por (PIMENTA et al 2018, p. 69) uma vez que “embora a escravidão tenha marcado toda a sociedade brasileira até o final do Oitocentos, até pouco tempo vários autores chamaram a

atenção para a escassez de narrativas que tratassem da saúde escrava". Partindo disso, infere-se uma omissão no que tange a saúde escrava, visto que a inexistência de dados já denota uma falta de preocupação com os negros. Ou seja, considerando-se uma sociedade escravagista, durante e após a abolição, os negros sempre foram expostos a práticas racistas, práticas essas que pretendiam apagar a sua história.

A partir do exposto, conclui-se que, historicamente, o negro sempre esteve em condição de desvantagem. Condição que perdura na atualidade. "Por questões de formação histórica, os descendentes dos africanos, os negros de um modo geral, em decorrência da sua situação inicial de escravos, ocupam as últimas camadas da nossa sociedade" (MOURA, 2019, p. 77). Circunstância que pode ser facilmente percebida, uma vez que nosso país é marcado, infelizmente, pela desigualdade.

4 DES-IGUALDADE NO BRASIL

A desigualdade é uma das maiores lacunas de qualquer sociedade. É através dela que percebemos as barreiras – visíveis e invisíveis que podem ser decisivas para qualquer pessoa, podendo impactar eventos futuros em sua vida, podendo ser constatado através da falta de boas oportunidades de educação, saúde, emprego, moradia dentre outros fatores, sendo tão naturalizada que já é visualizada como um caminho natural.

Schwarcz (2019), expõe como a desigualdade é ambientada entre nós.

> O fenômeno da desigualdade é tão enraizado entre nós que se apresenta a partir de várias faces: a desigualdade econômica e de renda, a desigualdade de oportunidades, a desigualdade racial, a desigualdade regional, a desigualdade de gênero, a desigualdade de geração e a desigualdade social, presente nos diferentes acessos à saúde, à educação, à moradia, ao transporte e ao lazer (SCHWARCZ, 2019, p.126).

Conforme vimos ao longo deste estudo, dentro da formação histórica do Brasil a escravidão foi bastante presente e, mesmo após o término da escravidão, os negros foram postos em posição de desvantagem no que tange oportunidades e acesso a condições mínimas de sobrevivência, ou seja: a sociedade até então que estava em formação não tinha interesse nenhum em buscar soluções e condições mínimas de inserção dos agora ex-excravizados, na sociedade que estava em formação.

Ribeiro (2019) retrata as dificuldades impostas para os negros, tanto na situação de cativos, quanto na situação de libertos, no que concerne o acesso a direitos que deveriam ser para todos, como a educação.

> É importante lembrar que, apesar de a Constituição do Império de 1824 determinar que a educação era um direito de todos os cidadãos, a escola estava vetada para pessoas negras escravizadas. A cidadania se estendia a portugueses e aos nascidos em solo brasileiro, inclusive a negros libertos. Mas esses direitos estavam condicionados a posses e rendimentos, justamente para dificultar aos libertos o acesso à educação (RIBEIRO, 2019, p.9-10).

A mesma autora também comenta sobre como são mantidos e estimulados os hiatos entre brancos e negros, quando relata através do comentário abaixo:

> Quando estudamos a história do Brasil, vemos como esses e outros dispositivos legais, estabelecidos durante e após a escravidão, contribuem para a manutenção da mentalidade “casa-grande e senzala” no país em que, nas senzalas e nos quartos de empregada, a cor foi e é negra (RIBEIRO, 2019, p.10-11).

Não só um passado marcado pelo racismo, mas outros fatores também impactaram e continuam impactando diretamente para o atual cenário que vivemos. É possível identificar inúmeros marcadores que influenciaram a desigualdade existente em nosso país, o que é corroborado pelo comentário de Schwarcz (2019):

> Mão de obra escrava, divisão latifundiária da terra, corrupção e patrimonialismo em grandes doses, explicam os motivos que fizeram do país uma realidade desigual. Não dão conta de esclarecer, porém, por que, a despeito do processo de modernização e de industrialização que o país conheceu no século XX, não conseguimos romper totalmente com esse círculo vicioso do passado (SCHWARCZ, 2019, p.127).

Sobre a desigualdade no acesso à educação, as condições de acesso são bem mais precárias para as pessoas negras. O que denota uma dificuldade perceptível para essas pessoas. Ribeiro (2019) disserta sobre tal assunto, onde expõe:

> Por causa do racismo estrutural, a população negra tem menos condições de acesso a uma educação de qualidade. Geralmente, quem passa em vestibulares concorridos para os principais cursos nas melhores universidades públicas são pessoas que estudaram em escolas particulares de elite, falam outros idiomas e fizeram intercâmbio (RIBEIRO, 2019, p.43).

As discrepâncias existentes na esfera da educação para as pessoas negras configuram um problema de longa data, sendo característico já no Brasil escravocrata. Schwarcz (2019) explana sobre o tema, uma vez que:

> Educação nunca foi um direito de todos neste país de proporções continentais, passado escravocrata e estruturada concentração de renda. Enquanto existiu, o sistema escravista construiu um país de realidades apartadas também nesse quesito. Embora não constasse sob a forma de lei que os escravizados e escravizadas não poderiam ser alfabetizados, a historiografia vem mostrando como, até por motivos de segurança e com o intuito de evitar rebeliões, não se permitiu nem a eles nem a elas o acesso à leitura ou à escrita (SCHWARCZ, 2019, p.133).

Nesse sentido, conclui-se que existia de fato uma omissão proposital em deixar a população negra sempre a margem da sociedade, fazendo com que os mesmos ficassem sempre dependentes, visto que a “educação significava, pois, um ganho insofismável para o acesso à cidadania” (SCHWARCZ, 2019, p. 133). Quanto maior o número de obstáculos que dificultassem para a população negra o acesso à educação, mas distante as possibilidades dos negros tornarem-se, de fato, cidadãos do Brasil.

Levando em conta as disparidades sociais existentes entre brancos e negros, fica subtendido em uma sociedade marcada pelo racismo estrutural qual o “lugar do negro” na estrutura social, quer seja em posições mais simples, estas localizadas lá na base da pirâmide no mercado de trabalho ou mesmo das mais equivocadas, como uma figura estereotipada. Em um de seus livros, Djamila Ribeiro comenta sobre como esses espaços são bem delimitados para as pessoas negras, e, no seu caso, mais evidente por ser uma mulher negra. Em seu relato, a autora comenta que, por frequentar espaços de poder, sempre era “confundida”. E sabemos que equívocos como os sofridos pela autora certamente não aconteceriam se fossem com uma mulher branca. Por fim, Hasenbalg (1996, p. 244) foi bastante assertivo ao afirmar “as pessoas não se iludem com relação ao racismo no Brasil; sejam brancas, negras ou mestiças, elas sabem que existe preconceito e discriminação racial.”

5 CONCLUSÃO

Entender o passado é elementar para ter uma compreensão mais assertiva sobre aspectos que envolvem a sociedade como o racismo, preconceito, desigualdade e abismos sociais. A partir deste estudo, percebe-se o quanto a mão de obra escrava foi utilizada para o crescimento econômico do Brasil, o que contraditoriamente não acontecia acerca da aceitação dos escravos em uma sociedade marcada pelo racismo.

Considerando-se os séculos em que o sistema escravista permaneceu no Brasil, consequentemente seus reflexos foram sentidos mesmo após a abolição dos escravos, até então percebidos como uma ameaça para o progresso de uma nação em construção, a qual estaria fadada ao fracasso diante da possibilidade da miscigenação.

As consequências de um passado histórico repleto de manchas são sentidas na atualidade através do racismo estrutural, o que muitas vezes, de tão enraizado em nossa sociedade, acaba sendo reproduzido de forma muito sutil e refletido através de disparidades de acesso na educação, saúde, moradia, renda dentre outras esferas.

É dever do Estado criar políticas públicas que minimizem os abismos criados entre brancos e negros, estes decorrentes de um passado que foi marcado pela mão de obra escrava, assim como, é papel da sociedade entender que estas disparidades são reais e não devem ser reproduzidas para as gerações futuras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

CHALHOUB, S. **A Força da Escravidão - ilegalidade e costume no Brasil oitocentista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. (cap.9, pp. 227-276).

HASENBALG, Carlos. **"Raça, Classe e Mobilidade"**, in Gonzalez, Lélia & Hasenbalg, Carlos (orgs.), Lugar de Negro. Rio de Janeiro, Editora Mercado Aberto, 1982, p. 67-102;

HASENBALG, C. **Entre o mito e os fatos: racismo e relações raciais no Brasil**. In: Maio,
M.C., and Santos, R.V., orgs. Raça, ciência e sociedade. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CCBB, 1996, pp. 235-249

LIMA, Nisia Trindade e Hochman, Gilberto. (1996), **"Condenado pela Raça, Absolvido pela Medicina: o Brasil Descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República**, in M. C. Maio e R. V. Santos (orgs.), *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ/ Centro Cultural Banco do Brasil.

MAIO MC. **O projeto Unesco e a agenda das Ciências Sociais no Brasil nos 40 e 50.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, 14(41):141-158, 1999.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil - identidade nacional versus identidade negra.** Petrópolis: Vozes, 1999.

RAMOS, J.; Maio, M.C. **Entre a Riqueza Natural, a Pobreza Humana e os Imperativos da Civilização, Inventa-se a Investigação do Povo Brasileiro**, in Marcos Chor Maio & Ricardo Ventura Santos. Rio de Janeiro. Faperj/Editora Fiocruz, pp. 25-49.

RAMOS, Alberto G. **O problema do negro na sociedade brasileira,** Cadernos do Nosso Tempo, Cadernos do Nosso Tempo, 2 (2): 189-220, jan./jun. 1954.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista** – 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHWARCZ. Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.